



Atuação do projeto pronto sorriso em um serviço oncológico: um relato de vivências e desafios durante a pandemia da covid-19

PERFORMANCE OF THE PRONTO SORRISO PROJECT IN AN ONCOLOGY SERVICE: AN ACCOUNT OF EXPERIENCES AND CHALLENGES DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Bruna Baioni do Nascimento

Graduanda do curso de Medicina na Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
Graduada no curso de Letras-Japonês na Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Assis – São Paulo – Brasil
brunabaioni44@gmail.com

Natánias Macson da Silva

Graduando do curso de Medicina na Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
Graduado no curso de Biomedicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Recife – Pernambuco - Brasil
Contato: nataniasmacson95@gmail.com

Carlos Eduardo de Paiva Moura

Graduado no curso de Direito na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
Mestrando em Ciências Sociais e Humanas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
cadudepaiva@hotmail.com

Bianca Valente de Medeiros

Especialização em Psicologia Hospitalar no Hospital do Câncer de Pernambuco – Recife- Pernambuco-Brasil
Mestra em Administração de Empresas vinculada a Pesquisa em Gestão Estratégica de Pessoas na Universidade Potiguar (UnP) – Mossoró- Rio Grande do Norte - Brasil
Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Pessoas na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
biancavalentemedeiros@gmail.com

Allyssandra Maria Lima Rodrigues Maia

Mestra e Doutora em Ciência Animal pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA)- Mossoró- Rio Grande do Norte – Brasil
Professora Adjunta do Curso de Medicina na Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
allyssandraram@hotmail.com

Ellany Gurgel Cosme do Nascimento

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - Natal – Rio Grande do Norte – Brasil
Professora Adjunta do Curso de Medicina da UERN
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Sociedade na Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – Mossoró – Rio Grande do Norte - Brasil
ellanygurgel@uern.br

RESUMO

No cenário de pandemia pelo novo coronavírus, o isolamento social foi adotado como medida de prevenção, culminando em adaptações na rotina dos hospitais oncológicos. Com isso, buscamos descrever uma ação em saúde baseada na palhaçoterapia de hospital, realizada por mídias digitais devido à pandemia da COVID-19. Este trabalho é do tipo relato de experiência e possui natureza descritiva das atividades de extensão promovidas de modo remoto pelo Projeto Pronto Sorriso (PPS), vinculado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e à Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer (LMECC) da cidade de Mossoró/RN. Por meio do uso de plataformas digitais pelos doutores palhaços, foi possível realizar encontros virtuais e produção de vídeos caseiros, a fim de alcançar os pacientes oncológicos. Por fim, constatamos a importância de elaborar ferramentas para realizar ações extensionistas mediante situações desafiadoras em que o contato social é restrito.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Palhaçoterapia, Oncologia, COVID-19, Mídias Digitais.

ABSTRACT

In the pandemic scenario for the new coronavirus, social isolation was adopted as a preventive measure, culminating in adaptations in the routine of oncology hospitals. With this, we seek to describe a health action based on hospital clown therapy, carried out by digital media due to the pandemic by COVID-19. This work is an experience report and has a descriptive nature of the extension activities promoted remotely by the Pronto Sorriso Project (PPS), linked to the State University of Rio Grande do Norte (UERN) and the Mossoroense League of Studies and Combat against Cancer (LMECC) in the city of Mossoró/RN. Using digital platforms by clown doctors, it was possible to hold virtual meetings and produce home videos in order to reach cancer patients. Finally, we note the importance of developing tools to carry out extension actions through challenging situations in which social contact is restricted.

Keywords: University Extension, Clown therapy, Oncology, COVID-19, Digital Media.

INTRODUÇÃO

O câncer é um termo atribuído a um conjunto de doenças potencialmente capazes de afetar qualquer sítio corpóreo, constituindo-se como a segunda principal causa de morte no mundo, com 9,6 milhões de óbitos em 2018, segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde – OPA (2018), e associada a uma estimativa de 18,1 milhões de novos casos por ano, de acordo com a World Health Organization – WHO (2020). No Brasil, no Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva – INCA (2020a) estimam-se mais de 600 mil novos casos de câncer por ano entre 2020 e 2022.

Baseando-se nisso, é importante mencionar os inúmeros impactos da doença na vida do paciente oncológico, como o inerente sofrimento físico advindo do câncer em si e dos procedimentos invasivos e efeitos colaterais do tratamento. Segundo Meiri *et al.* (2016), a punção venosa e a canulação intravenosa são apontados como os procedimentos mais dolorosos em crianças hospitalizadas, relacionando-se a estresse, dor, choro e irritabilidade. Quanto ao tratamento, os efeitos colaterais da quimioterapia, por exemplo, podem ser: náuseas, vômitos, disfagia, dores de garganta (Argilés *et al.*, 2010); sintomas de fadiga como exaustão, sensação de fraqueza, cansaço extremo e falta de motivação (Borges *et al.*, 2018), dentre outros. De acordo com Peoples *et al.* (2017), a fadiga secundária à quimioterapia causa prejuízos nas atividades profissionais e sociais, bem como nas relações interpessoais do paciente, diminuindo sua qualidade de vida.

Há, ainda, o choque emocional pelo diagnóstico de câncer, desencadeado pelo conhecimento vulgar de que a doença é uma sentença de morte (Silveira, 2002). Além disso, há o abalo psíquico manifestado por meio da depressão, isolamento, desesperança, inferioridade e inadequação (Hart & Schneider, 1997; Hendricks-Ferguson, 2006). Esses fatores relacionam-se com a necessidade de um tratamento prolongado e associado a vários cuidados especiais, por vezes limitantes, o que confere uma mudança radical na rotina do indivíduo. Assim, o transcurso diagnóstico e terapêutico geram impactos psicológicos negativos ao paciente, a seus familiares e aos profissionais da saúde que o acompanham (Hart & Schneider, 1997; Hendricks-Ferguson, 2006).

Em um estudo de revisão integrativa, Oliveira *et al.* (2013) identificaram os principais eventos intensificadores do estresse psicológico em familiares de pacientes oncológicos. Dentre eles, o medo de perder o familiar em decorrência do câncer foi apontado como o principal evento estressor, seguido da convivência com o sofrimento físico e emocional. Contudo, para além desses fatores intrínsecos à doença, condições externas podem contribuir para o agravamento dos impactos supracitados, como o isolamento social e o confinamento prolongado causados pela pandemia decorrente do novo coronavírus (Zwielewski *et al.*, 2020).

Identificado em dezembro de 2019, na China, um novo tipo de coronavírus, denominado Sars-CoV-2, causa a *coronavirus disease* 2019 (COVID-19),

tendo a WHO declarado situação de pandemia em 11 de março de 2020 (Fundação Oswaldo Cruz, 2020). Nesse cenário, há indivíduos que se enquadram no grupo de risco por estarem mais suscetíveis a desenvolverem as formas graves da doença, sendo eles os imunossuprimidos, idosos e portadores de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e câncer (Ferreira *et al.*, 2020). O risco de infecção por COVID-19 pode ser até duas vezes maior para os portadores de neoplasia maligna, se comparado à população em geral (Shankar *et al.*, 2020). Portanto, depreende-se que essa classe de pacientes possui elevada vulnerabilidade frente à COVID-19, sendo necessárias medidas rígidas de prevenção serem adotadas, tanto para o paciente quanto para o seu acompanhante (Sociedade Brasileira de Cancerologia, 2020).

Com este panorama, vários protocolos normativos são continuamente inseridos e/ou adaptados nos serviços de saúde, a fim de se aumentar a segurança dos pacientes, familiares e profissionais. Exemplo disso ocorre com a diminuição do trânsito de pessoas no meio intra-hospitalar e com distância mínima entre os pacientes, dentre outras restrições (INCA, 2020b). O processo do tratamento oncológico, que costumeiramente tem consequências negativas para o estado físico e emocional do paciente e sua família, agrava-se com a intensificação do isolamento social e a constante sensação de medo relacionada ao risco de infecção pela COVID-19 e os seus possíveis resultados.

Em relação aos profissionais da saúde, as atividades habituais já eram causadoras de estresse laboral devido à complexidade do serviço, que demanda conhecimentos e habilidades específicas, e ainda à exposição a agentes biológicos e físicos. Soma-se a isso um elemento novo, desconhecido e ameaçador no ambiente de trabalho, contribuindo para elevar a ansiedade desses profissionais devido ao temor inerente ao risco de exposição ao vírus e a um possível adoecimento com desfechos desfavoráveis (Ramos, 2020). Ademais, a restrição de visitas e de acompanhantes geram um distanciamento dos pacientes e seus familiares (Indini *et al.*, 2020), fazendo com que os profissionais da saúde, como a equipe de enfermagem, ofereçam amparo, conforto e apoio aos pacientes, além de cumprir com as responsabilidades administrativas e assistenciais inerentes ao seu trabalho (Ramos, 2020). Dessa maneira, haja vista a pressão emocional, mental e física adicional resultante da pandemia, há fortes indícios de que os profissionais da saúde venham a desenvolver a Síndrome de Burnout (Ueno *et al.*, 2017).

Sendo assim, é importante empregar estratégias que contribuam com a melhoria da vivência dos sujeitos inseridos no ambiente hospitalar oncológico. Urge a necessidade de momentos lúdicos que permitam trazer benefícios biopsicossociais e que se baseiam em princípios da medicina humanizada, como o da transversalidade presente no HumanizaSUS, o qual preconiza "reconhecer que as diferentes especialidades e práticas de saúde podem conversar com a experiência daquele que é assistido" (Ministério da Saúde, 2004). Nessa conjuntura, podemos elencar como estratégia as Práticas Integrativas e Complementares de Saúde (PICS) por possuírem uma perspectiva holística do

indivíduo, considerando seu aspecto físico, psíquico, emocional e social (Ministério da Saúde, *n.d.*).

Entre as modalidades de tratamento com as PICS, encontra-se a arte-terapia (Ministério da Saúde, 2020), definida como uma prática versátil que permite a abordagem de pacientes de modo independente da idade e mediante metodologias ativas, como jogos interativos, teatro de fantoches, musicais improvisados e, também, a palhaçaria, que desde a década de 1990 é utilizada com sucesso no Brasil (Antoneli *et al.*, 2019). Estudos mostram que esses recursos promovem o alívio do estresse, colaborando, assim, com o sistema imunológico e com o sentimento de bem-estar físico, mental e social do paciente e outros sujeitos (Villamil *et al.*, 2013).

Sabe-se que o riso traz consigo diversos benefícios, tais como: relaxamento, controle da pressão arterial, melhora do sistema imunológico e estímulo à liberação de endorfinas responsáveis pela sensação de bem-estar geral (Lambert, 2007). Especialmente, a presença dos palhaços pode auxiliar no enfrentamento da doença, visto que a partir do humor, por meio do riso, despertam-se a alegria, o ânimo, o bem-estar e o relaxamento, sendo fatores importantes para aliviar a tensão e facilitar a recuperação da saúde (Antoneli *et al.*, 2019). Nesse cenário, o presente trabalho utiliza a palhaçaria como ferramenta central que se conecta com os demais recursos da Arteterapia.

De modo pioneiro, o Projeto Pronto Sorriso (PPS), criado antes da pandemia, em 2018, logo foi convidado a atuar em alguns serviços de saúde do município de Mossoró/RN. No entanto, em virtude do desbalanço entre a alta demanda dos serviços em relação às práticas terapêuticas complementares e o número reduzido de discentes envolvidos, decidiu-se atuar com o projeto em apenas um deles. O local de atuação, portanto, foi na Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer (LMECC), do Hospital de Santa Luzia, e teve como público-alvo seus pacientes, familiares e profissionais. Este é o único serviço oncológico de referência da Mesorregião Oeste Potiguar, onde se situam a cidade de Mossoró e outros 62 municípios do Estado do Rio Grande do Norte. Sendo assim, no ano de 2019, o PPS executou sua primeira edição com ações presenciais.

Em sua segunda edição, no ano de 2020, a pandemia pela COVID-19 ocasionou profundas mudanças no projeto. Este trabalho tem como objetivo relatar o processo de adaptação das ações presenciais para virtuais, com pacientes oncológicos, familiares e profissionais de saúde a partir da descrição das limitações e dos êxitos decorrentes dessa experiência ímpar na história do PPS.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo expõe as vivências de discentes e docentes do curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no desenvolvimento de ações extensionistas durante a pandemia da COVID-19 no ano de 2020. Com isso, ressalta-se que este trabalho possui natureza descritiva

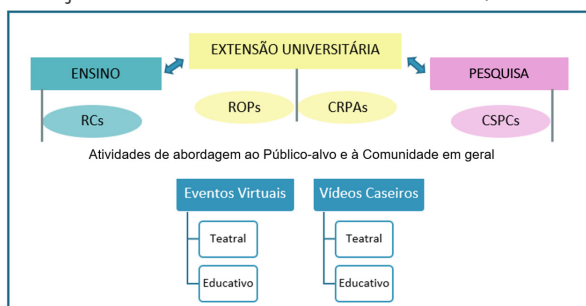
e é do tipo relato de experiência, com análise subjetiva e retrospectiva de atividades de extensão promovidas pelo Projeto Pronto Sorriso (PPS), pertencente ao Programa de Extensão do Comitê Local da UERN (PECLUERN), sendo este filiado à Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina (IFMSA). O PPS encontrava-se em sua segunda edição anual (2020-2021), vinculado à Pró-reitoria de Extensão da UERN.

O funcionamento do PPS deu-se por meio de 24 acadêmicos do curso de Medicina, que foram orientados diretamente por uma docente especialista em psicologia hospitalar e coorientados por outras duas docentes do curso de Medicina vinculadas ao PECLUERN. Toda a equipe foi incentivada, apoiada e supervisionada pela direção da Liga Mossoroense de Estudos e Combate ao Câncer.

O PPS utilizou metodologias de cunho lúdico e interativo presenciais, contribuindo para uma assistência hospitalar humanizada. No entanto, após o advento da pandemia, as visitas dos grupos de doutores palhaços foram temporariamente suspensas, sendo necessário recorrer-se a estratégias alternativas de execução das ações a fim de se acessar remotamente ao público-alvo e à comunidade em geral.

A segunda edição do PPS, descrita no presente estudo, estruturou-se no eixo principal da extensão universitária e em dois eixos secundários, mas não menos importantes: a pesquisa e o ensino. À vista disso, foram descritas as atividades de extensão propriamente ditas e aquelas relacionadas, indiretamente, às ações extensionistas. Ao todo, o projeto atuou com as seguintes atividades: Reuniões Ordinárias de Planejamento (ROPs); Capacitações Relacionadas ao Público-alvo (CRPAs); Reuniões Científicas (RCs); Capacitações Sobre Produtos Científicos (CSPC); Execução de Eventos Virtuais (transmissões em tempo real, com abordagens de cunho teatral ou educativo pelos extensionistas e direcionadas ao público-alvo e à comunidade em geral); e, por fim, Produção de Vídeos Caseiros (com temáticas de cunho teatral e/ou educativo, voltadas ao público específico), de acordo com a Figura 1.

Figura 1 – Desenho metodológico das atividades realizadas na segunda edição do Projeto Pronto Sorriso em 2020 em Mossoró/RN.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Legenda: RCs: Reuniões Científicas; ROPs: Reuniões de Planejamento; CRPAs: Capacitações Relacionadas ao Público-alvo; CSPCs: Capacitações Sobre Produtos Científicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EXPANSÃO DO PÚBLICO DO PPS

Primeiramente, é importante esclarecer que o destino das ações não se limitou apenas aos pacientes oncológicos da LMECC, mas também à comunidade em geral – a qualquer pessoa que tenha acesso e se conecte ao PPS pelas redes sociais. Essa conjectura alude à palhaçaria de rua, cujo público é formado por curiosos e interessados na *performance* que anuncia a brincadeira (Souza, 2011). Os que assistem são tomados pelo clima festivo construído pelos doutores palhaços, fruindo de todos os benefícios psicológicos e biológicos do riso; e por algum tempo é quebrada a tensão silenciosa causada pelo estresse de viver em uma pandemia.

Independente da faixa etária, da classe social, do sexo e do gênero, de ser público-alvo do projeto ou não, o objetivo de criar uma atmosfera na qual é permitido expressar as emoções e assim promover o bem-estar por meio do riso foi alcançado. Afinal, o compromisso do palhaço é ser uma figura popular e democrática, ser capaz de estabelecer um jogo cômico com qualquer público (Souza, 2011), e talvez essa seja a principal semelhança entre o palhaço clássico e o palhaço de hospital.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES INTERNAS E AÇÕES DE ABORDAGEM AO PÚBLICO-ALVO E COMUNIDADE EM GERAL

Inicialmente, após a seleção de novos extensionistas, as primeiras ativi-

dades executadas pelo PPS foram as ROPs. O objetivo desse tipo de atividade foi traçar as melhores estratégias para abordar o público-alvo, levando-se em consideração o distanciamento social e as intensas restrições de acesso ao hospital, que permaneceu ativo durante a pandemia. Em geral, no projeto realizaram-se seis ROPs restritas à coordenação e outras seis para repasses aos extensionistas e discussões sobre os planejamentos e cronograma geral de atividades da segunda edição. Enfatiza-se, também, que houve uma alta demanda de adaptações no cronograma de atividades ao longo da pandemia, quando se faz a comparação com a primeira edição.

O planejamento é um ponto importante na estruturação de uma ação, podendo ser decisivo para seu sucesso. O passo inicial para o planejamento é conhecer o ambiente de atuação e, então, definir os objetivos e métodos para serem desenvolvidas as ações. Sabe-se que, durante as práticas extensionistas, as modificações nas abordagens devem ser empregadas quando as estratégias não forem satisfatórias (Ferreira *et al.*, 2005). Com isso, as ROPs foram fundamentais para o processo de planejamento contínuo das ações por meio da criação de abordagens alternativas, a fim de se alcançar o público-alvo de maneira eficaz.

REUNIÕES CIENTÍFICAS (RCs) E CAPACITAÇÕES RELACIONADAS AO PÚBLICO-ALVO (CRPAs)

Para garantir a realização e o maior aproveitamento das RCs, CRPAs e ações virtuais específicas ao público-alvo, foi necessária uma capacitação em Ferramentas *Online*, o que propiciou o contato com diversas plataformas disponíveis para interação virtual.

Em primeira instância, as RCs foram fundamentais para o sucesso da segunda edição do PPS, uma vez que proporcionaram melhores entendimentos, à luz da ciência, sobre o paciente oncológico e suas diversas peculiaridades, bem como sobre seus familiares e os profissionais de saúde. Nessa esfera, as RCs ocorreram de acordo com as seguintes temáticas: (1) As cinco fases do luto no contexto oncológico; (2) Comunicação de más notícias e o protocolo *Spikes*; (3) Saúde mental na oncologia; (4) Humanização no cuidar do paciente oncológico, e (5) A oncologia relacionada ao novo cenário de pandemia da COVID-19.

Somado a isso, as CRPAs foram realizadas com o objetivo de "aproximar" os extensionistas ao público-alvo, mesmo que à distância e sem a participação direta dos pacientes oncológicos. Nesse cenário, foram realizadas 15 capacitações viabilizadas pela coordenação-geral em parceria com instituições e grupos experientes em palhaçoterapia e teatro. Nesses encontros, destacaram-se as experiências desses grupos atuantes nos serviços de saúde, bem como as técnicas de abordagem aos pacientes no âmbito hospitalar.

As RCs e CRPAs beneficiaram tanto o público-alvo quanto os extensio-

nistas, que adquiriram habilidades de abordagem ao paciente oncológico. Particularmente, as capacitações relacionadas à prática da palhaçoterapia foram imprescindíveis para trazer conhecimento, esclarecendo temas importantes como: o que é ser um doutor palhaço e qual a sua função dentro do ambiente hospitalar. Essa discussão se fez necessária devido ao estereótipo existente no imaginário comum do palhaço de circo, que serve de inspiração, mas difere em alguns pontos da postura esperada de um palhaço de hospital.

O compartilhamento das experiências dos palestrantes convidados serviu para elucidar questionamentos e dúvidas que os extensionistas tinham sobre a atuação como doutor palhaço. Foi ressaltada a ideia de que é preciso mudar a própria maneira de enxergar o mundo a fim de transportar os pacientes, familiares e profissionais para um lugar emocional diferente do lugar objetivo, fazendo-os enxergar o mundo através das lentes coloridas do palhaço.

Outro ponto relevante das capacitações foi aprender que o palhaço não está no hospital para levar exclusivamente alegria ao público, mas também outras emoções. Essa mudança de paradigma revoluciona a limitante necessidade de fazer rir, abrindo espaço para diversas emoções que comumente estão presentes no ambiente hospitalar e, principalmente, no oncológico.

O doutor palhaço é uma mistura do personagem com o próprio ator, que expõe seu ridículo, mostra sua ingenuidade e, ao mesmo tempo, tenta divertir o público, expondo com sinceridade seus sentimentos (Burnier, 2009). Nesse sentido, ter o discernimento para identificar uma situação delicada, dolorosa e desconfortável, além da empatia para saber lidar com ela, são habilidades fundamentais para ser um bom doutor palhaço e, conseqüentemente, para o sucesso da ação.

Isto posto, fica clara a importância das capacitações para os extensionistas ao adquirirem e desenvolverem habilidades de abordagem ao público-alvo e de manejo das tecnologias digitais para ensino-aprendizagem. Esses recursos efetivaram as ações e poderão ser acionados no futuro, tanto no sentido de os alunos desempenharem uma práxis médica humanizada, quanto de estarem instrumentalizados para alguma atuação que demande contato virtual.

CAPACITAÇÕES SOBRE PRODUTOS CIENTÍFICOS (CSPCs)

No que se refere ao eixo de pesquisa científica, o PPS possibilitou a execução de três CSPCs com temáticas atrativas à produção científica dos seguintes itens: resumo expandido para submissão em eventos científicos, artigo do tipo revisão de literatura e artigo do tipo relato de experiência. A CSPC é uma atividade de extrema importância, desde a primeira edição do PPS, uma vez que é por meio da produção científica que se alcança a exposição da ação extensionista na comunidade científica e a sua provável perpetuação em outros lugares. Prova disso, essa atividade motivou a elaboração de 8 resumos expandidos

aprovados e apresentados em eventos científicos locais e regionais, bem como a publicação de dois artigos – do tipo relato de experiência – descrevendo o impacto do Projeto Pronto Sorriso em um serviço de saúde oncológico (Lopes *et al.*, 2020) e a atuação dos estudantes de Medicina na figura do “Palhaço Doutor” (Barros *et al.*, 2020).

Apesar de incomuns, as capacitações voltadas à escrita científica mostram-se proveitosas no contexto da extensão universitária. Isso porque a produção científica pelos extensionistas é de extrema importância para sua formação acadêmica e profissional, sobretudo no tocante à aquisição de novos conhecimentos e tecnologias e no exercício do senso crítico (Saraiva, 2007). Frequentemente, os relatos de experiência são entendidos como uma espécie de relatório das ações de extensão, porém, mais que isso, fornecem informações importantes acerca da metodologia, das dificuldades enfrentadas e das vantagens usufruídas, servindo de modelo para novas propostas (Coelho, 2014).

EXECUÇÃO DAS AÇÕES DE ABORDAGEM AO PÚBLICO-ALVO E À COMUNIDADE EXTERNA

O PPS, assim como demais projetos de extensão, tem como objetivo primordial vencer os muros da universidade e acessar a comunidade, atuando com um desenho metodológico sistematizado de atividades e coerente com as demandas dos pacientes.

Nesse cenário, foram desenvolvidas atividades com o objetivo de alcançar, de modo remoto, os pacientes e seus familiares, os profissionais de saúde e a comunidade em geral. As atividades foram realizadas semanalmente em uma página de rede social, mediante eventos virtuais que consistiram em *lives*, ora de cunho teatral, ora educativo, somando de junho a setembro 10 *lives* mediadas pelos extensionistas. Foram abordadas diversas temáticas sobre a pandemia pela COVID-19 e a sua relação com o público-alvo, como, por exemplo, “O impacto da pandemia na rotina oncológica” e “Reajustando o equilíbrio emocional durante o período de isolamento”. O esperado era que até dezembro fossem realizadas mais 7 *lives*.

Além disso, o PPS desenvolveu um outro tipo de atividade: a produção de vídeos caseiros. Os vídeos foram produzidos pelos discentes, excetuando-se os 5 componentes da coordenação que ficaram responsáveis por verificar os vídeos antes de serem enviados. Portanto, foram formados 4 grupos divididos entre 19 pessoas, de modo que cada grupo produziu um vídeo com duração entre 5 e 10 minutos por mês, os quais foram enviados um a um semanalmente ao público-alvo. Obteve-se um total de 16 vídeos, de junho a setembro, que abordaram temas relacionados com a arteterapia, a palhaçaria e o teatro, visando a provocação do riso e dos sentimentos bons, como por exemplo “O que o palhaço faz na quarentena?” (Figura 2) e a contação de história “A árvore das lembranças”. A previsão era de que fossem produzidos mais 12 vídeos até

dezembro.

Destarte, pode-se inferir a relevância dessas atividades devido ao seu impacto social, já que, apesar de não ser possível o contato direto com o público, buscou-se ao máximo produzir materiais virtuais que pudessem levar às pessoas informação, acolhimento e bem-estar.

Figura 2 – Reprodução de uma cena do vídeo caseiro “O que o palhaço faz na quarentena?” divulgado no YouTube



Fonte: Reprodução do YouTube.

Legenda: Por meio de uma chamada de vídeo com seus amigos palhaços, Dra. Etezilda (Bruna Baioni do Nascimento) tenta fazer um bolo.

AVALIAÇÃO VIVENCIAL DAS ATIVIDADES INTERNAS E EXTERNAS

Excetuando-se as ROPs, buscou-se colher informações sobre o aproveitamento das atividades internas pelos participantes extensionistas durante e/ou após o término de cada uma delas. Para isso, foram utilizados questionários objetivos com construção em tempo real de gráficos e nuvens de palavras – representações visuais que conferem destaque às palavras que aparecem com maior frequência em relação a uma temática. Desse modo, pôde-se aprimorar continuamente as atividades, aumentando o aproveitamento dos participantes.

Sobre este último recurso, a construção de nuvens de palavras permitiu obter informações sobre o entendimento dos extensionistas durante os encontros. Exemplo disso ocorreu na reunião científica “Comunicação de más notícias e o protocolo *Spikes*”, em que no início foi construída uma nuvem, representada na Figura 3, como estratégia de reconhecimento sobre o que os participantes pensam sobre a morte.

Em relação às atividades externas (ações virtuais), devido à expansão do público, o alcance foi maior do que o esperado inicialmente, havendo entre 100 e 250 visualizações de cada um dos 26 materiais publicados (*lives* e vídeos caseiros), de junho a setembro de 2020, contando ainda com os comentários

positivos deixados pelos espectadores. Os vídeos podem ser assistidos acessando-se à página do projeto no YouTube¹ e no Instagram².

Figura 3 – Nuvem de palavras construída a partir da pergunta: “O que você pensa sobre a morte?”



Fonte: Arquivo pessoal dos autores.

COMUNICAÇÃO PREJUDICADA PELA INTERFACE VIRTUAL

Embora as plataformas digitais permitam o acesso a um público maior e uma abordagem simultânea, percebeu-se que, nas ações em tempo real e nos vídeos caseiros, alguns aspectos da comunicação foram perdidos, como a expressão facial e corporal do público. Esses aspectos funcionam como um *feedback*, sinalizando se o jogo escolhido pelo palhaço está progredindo e atingindo os objetivos esperados. Com isso, a visualização do comportamento do público determina se o jogo deve continuar ou transitar para uma abordagem diferente.

A comunicação mediada vem acompanhada de prejuízos, como a ausência de expressões corporais, as quais possuem elevada importância no processo comunicativo entre os indivíduos (Baldanza, 2006). Os encontros remotos restringem o contato, fator primordial para a evolução do jogo teatral da palhaçaria, como bem elucida Souza (2011, p. 52): “A *performance* do palhaço, com todas as suas nuances, só será presenciada em cena, no contato com o público.”

Os espectadores conseguem visualizar o corpo dos palhaços através da tela de seus aparelhos. Porém, o inverso não acontece: não é possível visualizar a reação manifestada em gestos, expressões faciais e corporais e, sobretudo,

¹ <https://www.youtube.com/channel/UCUOEAxomimFvPLti-vqPEYg>

² <https://www.instagram.com/projetoprontosorriso>

em risos. Nesse caso, é preciso recorrer a outro tipo de representação das emoções. Este entendimento é definido por Baldanza (2006, p. 10) como “novas formas de concretização de um outro corpo e suas expressões”, o que a autora chama de *corpo virtual*. Sendo assim, por meio de comentários escritos de maneira específica, a ausência do corpo real pode ser superada, principalmente quando o público utiliza linguagens simbólicas. Exemplo disso, quando o riso é provocado, o público responde com palavras ou letras repetidas sucessivamente (“kkkkkk”); e quando o riso é energético, essa repetição é escrita em caixa alta (“KKKKK”). Além disso, símbolos denominados *emoticons* podem ilustrar vários sentimentos, como sorriso, gargalhada sonora, gratidão e até mesmo espelhar o quão agradável foi a apresentação.

Posto isto, dentro de um ambiente virtual e com corpos virtuais, a interação entre os palhaços e destes para com o público tornou-se viável e, com isso, o jogo cômico pôde acontecer. Afinal, como ressalta Souza (2011, p. 50), “o palhaço existe em função do público [...] e toda a improvisação, dentro da palhaçaria clássica, tem como objetivo o jogo cômico. O público é a medida de sucesso”. Por conseguinte, apesar da ausência física, a sociabilidade virtual é tão válida quanto a real, uma vez que é construída por pessoas reais que transfundem suas emoções (Baldanza, 2006).

Devido a essa lacuna interacional os extensionistas demandaram aumentar o número de capacitações a fim de dirimir a insegurança gerada pela falta de contato com o paciente. Por conseguinte, o PPS retomou a parceria com o Grupo de Teatro Universitário Mossoroense (GRUTUM), vinculado à UERN, que na primeira edição ofereceu oficinas presenciais de técnicas teatrais e, na segunda, oficinas remotas por meio das quais os extensionistas puderam praticar em sua residência os exercícios propostos, envolvendo vocalizações, expressões faciais e corporais.

Após isso, foi notável o aprimoramento da *performance* dos discentes nos vídeos, inferindo-se que a capacitação oferecida foi capaz de suprir as demandas anteriormente mencionadas. O resultado disso foi expresso mediante rica interação supracitada entre os doutores palhaços e os espectadores.

DIFICULDADE DE ACESSO AO PÚBLICO-ALVO E PROPOSTAS ALTERNATIVAS DE ABORDAGEM

Quanto ao acesso do público-alvo ao conteúdo produzido, algumas limitações foram observadas. A primeira delas foi a dificuldade de estabelecer contato direto e particular com os pacientes e familiares por meio de aparelhos eletrônicos. Isso se deu devido à heterogeneidade socioeconômica dos pacientes oncológicos da LMECC, a qual não possibilitou que todos tivessem acesso a aparelhos eletrônicos capazes de suportar aplicativos de interação virtual e/ou internet móvel suficiente para garantir a estabilidade dos encontros

em tempo real com qualidade de som e imagem satisfatórias. A segunda foi a postura adotada pelo hospital que, compreensivelmente, optou por preservar a privacidade e a segurança de seus pacientes, não permitindo contato virtual direto e individual, dada a fragilidade do momento de pandemia. É importante se ter em vista que a recente mudança nos mecanismos de interação social exige um tempo para adaptação ainda não alcançado.

Diante disso, respeitando a política do hospital e se ajustando às condições dos pacientes, o acesso do público-alvo aos vídeos foi possível. Em virtude do diálogo com a diretoria do hospital, alguns profissionais parceiros do PPS se responsabilizaram, voluntariamente, pelo encaminhamento dos endereços eletrônicos de acesso aos vídeos caseiros previamente gravados, preservando, assim, a privacidade dos pacientes e se adequando às suas diferentes realidades socioeconômicas, sendo possível a reprodução em qualquer aparelho com acesso à internet, a qualquer momento.

Em face da dificuldade de interagir com os pacientes oncológicos em ambiente hospitalar, pode-se pensar em possíveis melhorias para edições futuras. Por exemplo, organizar uma logística de transmissão para a reprodução dos vídeos e lives por meio dos aparelhos de televisão já alocados nas enfermarias, e, ainda, planejar a instalação de aparelhos nas enfermarias que não os possuam. Dessa maneira, durante as transmissões ao vivo alguns funcionários colaboradores do PPS poderiam interagir por meio do chat como porta-vozes dos pacientes e seus familiares, bem como dos colegas de trabalho, sendo possível alcançar um maior número de pacientes e viabilizar uma interação mais fluida.

PRINCIPAIS LIMITAÇÕES INERENTES ÀS AÇÕES DO PPS REALIZADAS NA SEGUNDA EDIÇÃO

O PPS enfrentou algumas limitações, como a pandemia em si, que promoveu uma mudança profunda no modo de executar as ações presenciais, as quais tiveram de ser adaptadas ao ambiente virtual. Devido à imprevisibilidade de duração da pandemia, estimulamos outros projetos de extensão no Brasil a não desativarem sua programação devido à barreira do isolamento social, mas que, na medida do possível, planejem, se organizem e busquem conhecimento para realizar suas ações remotamente.

Manusear ferramentas *on-line* e transportar a palhaçaria (altamente dependente do contato com as pessoas) para uma interação virtual foram aspectos desafiadores no início. No entanto, capacitações e meios alternativos de interação possibilitaram manejar as plataformas digitais e alcançar o público.

Além disso, a política de privacidade da LMECC representou uma dificuldade de acesso direto aos pacientes por parte dos extensionistas. Recomenda-se aos que desejarem utilizar a experiência do PPS como modelo que procurem

instituições com maior abertura nesse sentido.

CONCLUSÕES

O isolamento social devido à pandemia pela COVID-19 tornou necessária a adaptação das ações presenciais do PPS para ações virtuais. A partir do planejamento flexível das atividades pelos coordenadores e da preparação dos doutores palhaços por meio de reuniões científicas e capacitações, foi possível conhecer o público-alvo e se apropriar de habilidades técnicas e de cuidado humanizado para promover a interação virtualmente. Além disso, o diálogo com o hospital e o auxílio de seus funcionários permitiram que os pacientes tivessem acesso aos vídeos produzidos.

Outro ponto positivo das ações via mídias digitais foi a expansão do público do PPS, uma vez que qualquer pessoa com acesso às páginas do projeto pôde se beneficiar das *lives* e dos vídeos caseiros, inclusive abrindo o horizonte do objetivo inicial do projeto, que era levar o bem-estar aos pacientes oncológicos, servindo adicionalmente à população em geral que sofria com a angústia psicológica de viver em uma pandemia.

Quanto à não visualização por parte dos doutores palhaços das expressões faciais e corporais do público, essa limitação foi superada por meio da interação entre os corpos virtuais e recursos gráficos, o que possibilitou uma comunicação eficaz e o sucesso do jogo cômico. Outro aspecto relevante a ser mencionado diz respeito à interação nos eventos virtuais de cunho educativo, os quais pelas mesmas ferramentas descritas permitiram comunicação entre o extensionista mediador, o palestrante convidado e o público. Isso possibilitou ao espectador fazer perguntas, relatar experiências e exprimir agradecimentos, críticas e/ou elogios.

Dessa maneira, o alcance das ações virtuais do projeto foi expressivo, dado o elevado número de visualizações dos materiais produzidos e os comentários positivos deixados pelo público.

As vivências durante a segunda edição do PPS promoveram ganhos significativos ao repertório profissional dos extensionistas, ainda enquanto acadêmicos ou quando em atuação médica, pela aquisição de habilidades que poderão ser utilizadas futuramente independentemente do cenário de isolamento social.

Diante disso, podemos inferir que o Projeto Pronto Sorriso cumpriu com o seu propósito, que é levar os conhecimentos construídos na academia em direção à comunidade, mediante ações promotoras da saúde capazes de atender às demandas sociais de maneira dialógica, flexível e humanizada. Assim, beneficiou o(a) paciente oncológico(a) e seus familiares, os(as) profissionais de saúde e a comunidade em geral, sobretudo no tocante ao alívio do sofrimento e à promoção do bem-estar.

REFERÊNCIAS

- Antoneli, A. J. M. F.; Ferreira, R. M.; Martins, V. A.; Xavier, V. E. (2019). *Influência de palhaços de hospital em crianças submetidas a tratamento oncológico* (pp. 1-62). <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/8275/1/7%20TC%2020192.pdf>
- Argilés, J. M.; Anker, S. D.; Evans, W. J.; Morley, J. E.; Fearon, K. C. H.; Strasser, F.; Muscaritoli, M.; Baracos, V. E. (2010). Consensus on cachexia definitions. *Journal of the American Medical Directors Association*, 11(4), 229-230. <https://doi.org/10.1016/j.jamda.2010.02.004>.
- Baldanza, R. F. (2006). A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. *Anais Eletrônicos do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Brasília, DF, Brasil, 29. <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/20253/1/Renata+Francisco+Baldanza.pdf>.
- Barros, E. R.; Rodrigues, I. N.; Bello, R. C. T.; Siebra, S. M. S.; Maia, A. M. L. R. (2020). Pronto Sorriso: estudantes de Medicina na figura do palhaço doutor. *Revista Extendere*, 7(1), 103-114.
- Borges, J. A.; Quintão, M. M. P.; Mendonça Filho, H. T. F.; Mesquita, E. T. (2018). Fadiga: Um sintoma complexo e seu impacto no câncer e na Insuficiência cardíaca. *International Journal of Cardiovascular Sciences*, 31(4), 433-442.
- Burnier, L. O. (2009). *A arte de ator: da técnica à representação*. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Coelho, G. C. (2014). Revistas acadêmicas de extensão universitária no Brasil. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, 5(2), 69-75.
- Ferreira, J. D.; Lima, F. C. S.; Oliveira, J. F. P.; Cancela, M. C.; Santos, M. de O. (2020). COVID-19 e câncer: Atualização de aspectos epidemiológicos. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 66, 1-7. <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2020v66nTemaAtual.1013>.
- Ferreira, M. A. D.; Silva, M. E.; Souza, R.; Rigueiro, V.; Miranda, I. T. P. (2005). A importância do planejamento estratégico para o crescimento. *Maringá Management*, 2(1), 34-39. http://m2adiagnosticoempresarial.com.br/sistema/content/gestao/A_Importancia_do_Planejamento_Estrategico_para_o_Crescimento_das_Empresas.pdf.
- Fundação Oswaldo Cruz. (2020). *Plano de Contingência da FIOCRUZ diante da pandemia da doença pelo SARS-CoV-2 (Covid-19)*. Portal Fiocruz.
- Hart, D.; Schneider, D. (1997). Spiritual care for children with cancer. *Seminars in Oncology Nursing*, 13(4), 263-270. [https://doi.org/10.1016/S0749-2081\(97\)80023-](https://doi.org/10.1016/S0749-2081(97)80023-)

-X.

Hendricks-Ferguson, V. (2006). Relationships of age and gender to hope and spiritual well-being among adolescents with cancer. *Journal of Pediatric Oncology Nursing*, 23(4), 189-199. <https://doi.org/10.1177/1043454206289757>.

Indini, A.; Aschele, C.; Cavanna, L.; Clerico, M.; Daniele, B.; Fiorentini, G.; Fioretto, L.; Giordano, M.; Montesarchio, V.; Ortega, C.; Pinotti, G.; Scanni, A.; Zamagni, C.; Blasi, L.; Grossi, F. (2020). Reorganisation of medical oncology departments during the novel coronavirus disease-19 pandemic: a nationwide Italian survey. *European Journal of Cancer*, 132, 17-23. <https://doi.org/10.1016/j.ejca.2020.03.024>.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. (2020a). Estimativa 2020: *Incidência de Câncer no Brasil*, 66(1), 120. <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//estimativa-2020-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf>.

Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. (2020b). *INCA contra coronavírus*.

Lambert, D. E. (2007). *A terapia do riso: a cura pela alegria*. São Paulo: Pensamento.

Lopes, J. P. A.; Souza, L. R. V.; Silva, N. M.; Medeiros, B. V.; Maia, A. M. L. R. (2020). O impacto do Projeto Pronto Sorriso em um serviço de saúde oncológico: uma análise subjetiva e vivencial. *Revista Extendere*, 7(1), 64-76.

Meiri, N.; Ankri, A.; Hamad-Saied, M.; Konopnicki, M.; Pillar, G. (2016). The effect of medical clowning on reducing pain, crying, and anxiety in children aged 2-10 years old undergoing venous blood drawing – a randomized controlled study. *European Journal of Pediatrics*, 175(3), 373-379. <https://doi.org/10.1007/s00431-015-2652-z>.

Ministério da Saúde. (2004). *Política Nacional de Humanização – Humaniza SUS*. Secretaria Executiva – Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização.

Ministério da Saúde. (2020). *Práticas Integrativas e Complementares: quais são e para que servem*. <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares%0Ahttps://saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>.

Ministério da Saúde. (n.d.). *Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS*. Secretaria de Atenção Primária à Saúde (SAPS). <https://aps.saude.gov.br/ape/pics>.

Oliveira, W. T.; Benedetti, G. M. S.; Marchi, J. A.; Cassarotti, M. S.; Wakiuchi, J.; Sales, C. A. (2013). Eventos intensificadores e redutores do estresse em famílias de pacientes com câncer: revisão integrativa. *Reme: Revista Mineira de Enferma-*

gem, 17(3), 705-712. <https://doi.org/10.5935/1415-2762.20130052>.

Organização Pan-Americana de Saúde (2018). *Folha informativa – Câncer*. <https://www.paho.org/pt/topicos/cancer>.

Peoples, A. R.; Roscoe, J. A.; Block, R. C.; Heckler, C. E.; Ryan, J. L.; Mustian, K. M.; Janelins, M. C.; Peppone, L. J.; Moore, D. F.; Coles, C.; Hoelzer, K. L.; Morrow, G. R.; Dozier, A. M. (2017). Nausea and disturbed sleep as predictors of cancer-related fatigue in breast cancer patients: a multicenter NCORP study. *Supportive Care in Cancer*, 25(4), 1271-1278. <https://doi.org/10.1007/s00520-016-3520-8>.

Ramos, R.S. (2020). A Enfermagem Oncológica no enfrentamento da pandemia de COVID-19: reflexões e recomendações para a prática de cuidado em oncologia. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 66, 1-5. <https://doi.org/10.32635/2176-9745.rbc.2020v66ntemaatual.1007>.

Saraiva, J. L. (2007). Papel da extensão universitária na formação de estudantes e professores. *Brasília Méd*, 44(3), 225-233.

Shankar, A.; Saini, D.; Roy, S.; Jarrahi, A. M.; Chakraborty, A.; Bharati, S. J.; Taghizadeh-Hesary, F. (2020). Cancer care delivery challenges amidst coronavirus disease-19 (COVID-19) outbreak: Specific precautions for cancer patients and cancer care providers to prevent spread. *Asian Pacific Journal of Cancer Prevention*, 21(3), 569-573. <https://doi.org/10.31557/APJCP.2020.21.3.569>.

Silveira, N. (2002). Câncer e Morte. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 1(3), 406-416.

Sociedade Brasileira de Cancerologia. (2020). *Posicionamento da Sociedade Brasileira de Cancerologia e a pandemia pela COVID-19 (novo coronavírus)*. <http://www.sbcancer.org.br/posicionamento-sbc-pandemia-pela-covid-19>.

Souza, C. F. V. de. (2011). *O corpo cômico em jogo: um estudo acerca da improvisação do palhaço* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, SP, Brasil. <http://hdl.handle.net/11449/86881>.

Ueno, L. G. S.; Bobroff, M. C. C.; Martins, J. T.; Machado, R. C. B. R.; Linares, P. G.; Gaspar, S. de G. (2017). Estresse Ocupacional: Estressores referidos pela equipe de enfermagem. *Revista de Enfermagem UFPE On Line*, 11(4), 1632-1638. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/15232/18002>.

Villamil, G. M.; Quintero, E. Á.; Henao, V. E.; Cardona, J. J. (2013). Terapia de la risa en un grupo de mujeres adultas. *Revista Facultad Nacional de Salud Pública*, 31(2), 202-208.

World Health Organization. (2020). *WHO report on cancer: setting priorities, investing wisely and providing care for all*.

Zwielewski, G.; Oltramari, G.; Santos, A. R. S.; Nicolazzi, E. M. S.; Moura, J. A.; Santana, V. L. P.; Schindwein-Zanini, R.; Cruz, R. M. (2020). Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela COVID-19. *Debates in Psychiatry*, 2, 30-37.

Data de submissão: 23/03/2021

Data de aceite: 29/08/2021